



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de lançamento do Projeto Bolsa Formação para policiais**

Rio de Janeiro – RJ, 08 de março de 2008

Primeiro, quero cumprimentar o nosso companheiro Sérgio Cabral,
Tarso Genro, Márcio Fortes,

O nosso querido companheiro Pezão, vice-governador do estado do Rio
de Janeiro,

A Maria Fernanda, presidente da Caixa Econômica Federal,

O companheiro Ricardo Balestreri, secretário nacional interino de
Segurança Pública,

Deputado federal Antonio Carlos Biscaia,

Deputado federal Jorge Bittar,

Secretários estaduais, todos aqui presentes,

Coronel Cezar Rubio Monteiro de Carvalho, de Administração
Penitenciária,

A nossa companheira Benedita da Silva,

Carlos Minc, na verdade, esses são secretários também,

Quero cumprimentar os policiais militares, Aline Fabiano de Carvalho e
Milton dos Santos, cabos do Corpo de Bombeiros,

Irene da Cunha Mota de Oliveira, da Polícia Civil e Leonardo Gil de
Souza, por meio de quem eu quero cumprimentar todos os companheiros aqui
presentes, e dizer que o meu discurso foi feito pelo Tarso Genro, porque eu
acho que à noite ele deve ter pego o meu discurso, lido, decorado, e falou aqui
exatamente o que está no meu programa sobre a formação dos profissionais.

Mas como eu tenho pouco tempo, eu quero dizer para vocês uma coisa:
o que vocês estão vendo na imprensa do Rio de Janeiro hoje, da ordem de
serviço das obras dos grandes complexos problemáticos do Rio de Janeiro –



Complexo do Alemão, Manguinhos e Rocinha – já tínhamos feito no Pavão-Pavãozinho e talvez seja a contribuição mais importante que o governo federal e o governo do Estado estejam dando à polícia do estado do Rio de Janeiro e à polícia do Brasil.

O que nós fizemos ontem aqui, está sendo feito nas 27 capitais brasileiras. São 40 bilhões de reais, de intervenção, com parcerias com governo de estados e prefeitos, para que a gente possa melhorar os lugares mais degradados das grandes metrópoles brasileiras. Se nós não fizermos isso, seria muito simplista a gente achar que cabe à polícia militar e à polícia civil a responsabilidade de cuidar de uma segurança que a política não cuida.

Meu caro governador e meu caro ministro Tarso Genro,

Se nós analisarmos o que aconteceu no Brasil nos últimos 30 anos, nós vamos chegar ao diagnóstico correto do por que nós temos tanta violência no Brasil. Eu digo sempre, Sérgio, que muito mais grave do que a situação econômica e possivelmente decorrente da situação econômica, é o processo de degradação da estrutura social, a partir do seio da família brasileira. Se você tem uma família desagregada, por uma situação econômica difícil, por programas de televisão que não trazem nada que seja instrutivo para as pessoas, se pai não respeita mãe, que não respeita filho, que filho não respeita pai, se as pessoas moram apinhadas em 3m², onde comem, defecam e dormem; se as pessoas repartem os metros quadrados da sua área individual com baratas, com ratos; se as pessoas não têm ruas sequer para passear, não têm área de lazer, não têm escola, não têm nem onde praticar um esporte, na verdade eu me pergunto: o que fez o Estado brasileiro nesses últimos 30 anos?

Eu posso ser muito duro, mas vou dizer o que estou sentindo. Na verdade, ao governante e à opinião pública, cabe todo santo dia o dever de cobrar da polícia a solução pelas barbáries que acontecem em cada vila deste País. Entretanto, não fica claro quem é o responsável pelo surgimento dessa barbárie.



Vamos ver o que aconteceu neste País nos últimos 30 anos. Desde 1980, a economia brasileira não cresce ou cresce muito pouco. Setores que empregavam muita gente, como o setor metalúrgico em que eu trabalhava, diminuiu em mais de 1 milhão o número de vagas ofertadas neste País, postos de trabalho fechados, setores como a construção civil passaram 26 anos decrescendo, e tantos outros setores. Quando a gente vê imagem das pessoas presas, o que a gente percebe? A grande maioria são jovens entre 17 e 24 anos. E a carreira de bandido está mais ou menos como a de jogador de futebol: aos 33 anos já tem que sair porque não tem fôlego para agüentar a “marimba”. São jovens, jovens, resultado de muitas coisas que aconteceram nos últimos 30 anos no País. E a gente está sempre perguntando: por que a polícia não faz aquilo, por que a polícia não cobra aquilo, por que a polícia não ataca lá? E nós nunca perguntamos: quem são os responsáveis por essa juventude estar tão desesperançada como está hoje? Quem cuidou da economia deste País? Quem cuidou da geração de empregos? Quem gerou esses milhões de desesperados morando em situações degradantes? Certamente que não fui eu e não foram vocês. Certamente, também não foi você, Sérgio, mas alguém fez.

O que nós estamos fazendo com o PAC é tentar fazer uma intervenção muito rápida, porque se há 40 ou 50 anos os prefeitos que passaram por essas cidades e os políticos tivessem mais responsabilidades, a gente não teria uma favela com 120 mil pessoas, 80 mil pessoas ou 40 mil. Se tivessem feito a intervenção no tempo certo, já tinha rua, já tinha praça, já tinha escola, já tinha posto médico. Acontece que, muitas vezes, a miséria é utilizada como cabide para levar gente a ter mandato neste País. E depois, todos nós ficamos cobrando da polícia: “corram atrás, peguem, prendam”. Como se o policial fosse um ser mágico, fosse um ser... um homem-aranha, que tivesse poder superior ao poder dos outros, sem levar em conta que no Brasil também, com raríssimas exceções, os policiais são seres humanos, pobres, moram mal,



ganham pouco e não têm a formação correta para exercer a atividade tão precisa que nós entendemos que ele tenha que ter. Muitas vezes nós não compreendemos que, quando o policial tem que subir o morro, ele pode subir para querer prender alguém, mas na cabeça dele ele sabe que ele tem mulher, que ele tem filhos, que muitas vezes estão passando a mesma fome que estão passando aqueles que estão na favela.

Ora, se o Estado se ausentou durante tantos anos, o Estado contribuiu para que as pessoas ou as laranjas podres crescessem. Então, qual é a contribuição que o Estado tem que dar para a atividade policial? É cumprir com a sua função. Se o Estado entrar como estamos entrando agora com o PAC, em cada intervenção que estamos fazendo nas favelas do Rio de Janeiro... Não é apenas abrir rua. É abrir rua, colocar biblioteca, colocar creche, colocar escola, colocar hospital, colocar área de lazer para a molecada brincar, campo de futebol, piscina. Senão, a vida continua, uns poucos tendo acesso a tudo e uns muitos não tendo acesso a nada.

Por isso, meus companheiros, minhas companheiras da Polícia Militar e da Polícia Civil, é preciso que a gente tenha em mente que o trabalho de vocês é muito duro e é verdade também que tem gente ineficiente que trabalha contra a própria auto-estima da polícia. Em todo setor... o da polícia tem corrupção? Tem, e na política não tem? No empresariado não tem? No Poder Judiciário não tem? Em todo segmento da sociedade tem. O que nós precisamos é separar o joio do trigo.

A gente não corta um pé de laranja porque tem uma podre, a gente tira aquela laranja. E muito mais fácil, companheiro Sérgio Cabral, companheiro Tarso Genro, será a ação da polícia, se o Estado cumprir com a sua função. Na hora em que as pessoas mais pobres deste País, que moram em lugares degradantes, perceberem que o Estado está fazendo uma intervenção e cumprindo com a sua obrigação, certamente a própria comunidade vai contribuir para separar o joio do trigo. Quando a gente entrar num lugar para



prender alguém, a gente não vai às cegas, a gente não vai entrar às cegas, amedrontando todo mundo e todo mundo achando que é com ele o problema. A gente vai ter, na sociedade, o maior aliado para dizer qual é a laranja podre que nós temos que atacar. Isso só é possível se a gente contar com a sociedade, e contar com a sociedade não é fazer discurso pedindo, é levar lá para dentro dos lugares mais degradados deste País a figura do Estado, com tudo que as pessoas têm direito.

Vocês viram ontem, na capa do Jornal Extra, um menino chamado Cristiano nadando numa água que saía de um cano furado, e o sonho dele é uma piscina. Quantos milhões de crianças não têm vontade de ter uma piscina, olhando lá de cima do morro e vendo lá embaixo casas com piscinas em que as pessoas nem entram o dia inteiro, a semana inteira, porque naquela casa com piscina o dono nem mora ali?

Então, se o Estado cumprir com o seu papel, se levar o elementar... Eu digo sempre que a coisa mais fácil no Brasil é cuidar dos pobres. Os pobres pedem pouco, os pobres querem comer, querem estudar, querem trabalhar, querem ter uma casinha. É isso que o pobre quer e é isso que o Estado precisa garantir, porque está na Constituição. Nós passamos quatro anos para consertar este País. O País vive um momento eu diria, quase excepcional. Mas tem muita coisa para fazer, porque estamos consertando coisas secularmente esquecidas neste País.

O Rio de Janeiro, na década de 70, devia ter três ou quatro favelas. Tempo maravilhoso, em que a favela era, quem sabe, a motivação dos maiores compositores do Rio de Janeiro para escreverem sambas. Não era bonito? São Paulo, na década de 70, tinha duas favelas. A Favela do Vergueiro e a Favela da Vila Prudente. Hoje são 2 milhões de pessoas morando nas favelas. Culpa de quem? Alguém mora em favela por prazer? Alguém mora em 3m² por prazer? É porque o Estado foi conivente com a degradação da sociedade brasileira, e nós vamos levar algum tempo ainda, Sérgio, para reverter essa



história. História que vem de muitas e muitas décadas, se deteriorando. Aí, nós ficamos cobrando de vocês: “a polícia tem que agir; a polícia precisa prender; a polícia precisa fazer isso”. Como se fossem vocês os responsáveis pela existência de tanta gente na marginalidade.

Eu acho que vocês também são vítimas. Vítimas da má formação, muito pouco salário e muita cobrança. Então, eu penso que esse Programa anunciado aqui é pouco, mas é um início extraordinário. Eu sonho que um dia a gente vai ter uma polícia, não porque o cidadão está precisando de emprego e vai trabalhar na polícia, que tem um concurso pouco exigente porque o salário é pequeno. Um dia, nós vamos ter uma polícia em que a pessoa vai ser policial por vocação, porque quer ser policial, vai prestar concurso e vai saber que vai ter uma carreira de Estado, que vai lhe garantir um salário digno para a função que a sociedade exige dela. Eu digo sempre o seguinte: Deus e soldado, a gente só lembra na hora do perigo. Você pode gargantear o tempo inteiro que você não crê em Deus, mas apertou um pouquinho você fala: “ai meu Deus”. E policial, você pode falar mal dele o quanto você quiser, mas na hora em que você está num lugar e aparece um policial, é uma benção de Deus a gente ver a figura do policial. Assim é a vida.

Nós, Tarso, com esse Programa... eu quero te dar os parabéns, à sua equipe e ao governador, pelo convênio. Eu penso que nós estamos começando a construir uma nova era. Se tudo começar e continuar acontecendo como está acontecendo a gente pode, daqui a alguns anos, recuperar o padrão que já tivemos há algum tempo neste País. Eu acho que não está na hora de a gente ficar procurando quem é culpado pelas coisas, eu acho que está na hora de a gente começar a discutir como fazer as coisas novas para mudar as coisas velhas que não deram certo neste País, no Rio de Janeiro, em São Paulo e em qualquer lugar.

Portanto, esse é um dia... eu disse para o Sérgio, ontem, que eu saio do Rio com a minha alma lavada. Até brinquei com a imprensa ontem: que se eu



morresse ontem à noite, eu acho que já estaria realizado, porque é o começo de uma coisa importante. Ontem, eu via no olhar daquele pessoal em Manguinhos, no Complexo do Alemão, na Rocinha. Quando a gente falava de fazer o campo de futebol, a escola e o hospital, os olhos das pessoas marejavam, porque eles sabem que a chance é boa. Qual é a mãe que não quer que o filho estude? Qual é a mãe que não quer que o filho seja do bem? Toda mãe deseja, é o sonho de toda mãe. Agora, se a mãe não tem condições de cuidar, se não tem creches, se não tem escola, se não tem médico, tudo fica difícil.

Então, Sérgio, eu quero dizer que com mais esse Programa eu saio daqui mais realizado. O que está acontecendo aqui hoje, é importante ter claro, não é apenas aqui, está acontecendo em todos os estados da Federação, porque não é uma intervenção só no Rio de Janeiro. Estou falando isso porque senão os outros 27 governadores vão achar que eu estou olhando só para o Rio de Janeiro. Nós estamos olhando para o Brasil porque a casa está arrumada, nós não devemos nada ao FMI, hoje temos mais dinheiro do que devemos, portanto, somos credores e não devedores. Depois de 500 anos, nós viramos credores internacionais. Se pagarmos tudo que a gente deve, ainda vão sobrar uns 8 bilhões de dólares para nós. A economia está crescendo, e é tudo que nós precisamos.

Eu quero terminar dizendo a vocês que é um início extraordinário. É um início excepcional. Eu espero que a partir de 2010, quando vier outro presidente, ele pegue a casa muito mais arrumada do que eu peguei e ele possa fazer muito mais do que eu fiz, porque nós temos pelo menos 30 anos de dívida social com o povo brasileiro. Trinta anos, que envolve todo mundo: professor é mal-remunerado neste País, policial é mal-remunerado neste País, está cheio de gente mal-remunerada neste País. Poucos ganham muito e muitos ganham pouco e não é uma coisa que você mude por decreto, é uma coisa que você só pode mudar... Isso é como a vida da gente, a gente só pode



fazer uma coisa quando a gente tem dinheiro para fazer, se fizer uma prestação por uma coisa que o nosso salário não pode pagar, a gente vai quebrar a estrutura sadia da nossa família.

Fiquem certos de que nós vamos recuperar este País. Quero dizer que eu estou muito feliz, porque há muito tempo o Rio de Janeiro não tinha um governador com a sensibilidade política e com o despojamento pessoal que o Rio tem, na figura do companheiro Sérgio Cabral. Então, fica fácil trabalhar, Sérgio, fica fácil e vamos trabalhar. Agora lembro, o Tarso não falou aqui, mas tem gente que não quer esse Programa. Entraram no Superior Tribunal Federal, pedindo uma liminar para que isso não seja aprovado. Não era para eu falar porque, como eu sou presidente, não posso falar, mas entraram com uma liminar dizendo que esse Programa da Bolsa não pode acontecer porque é eleitoral. Primeiro, eu não sou candidato a prefeito, só vai ter eleição em 2010 e eu não posso ser candidato. Então, qual é o problema eleitoral desse Programa? Na verdade, algumas pessoas estão tão desacostumadas com o governo fazendo as coisas que precisa fazer, que eles até acham absurdo o governo acertar. E graças a Deus, nós estamos acertando.

Parabéns, e muito obrigado.

(\$211A)